



POLÍTICA OPERÁRIA

É preciso unir a classe operária em defesa das reivindicações

Temer e Bolsonaro impuseram as reformas trabalhista e previdenciária. Esses dois presidentes avançaram a precarização do trabalho com a lei da terceirização. Prometeram que a economia ia crescer, o emprego aumentaria e a vida da família trabalhadora melhoraria. Mentiras! Ocorreu justamente o contrário.

Todo trabalhador sente na carne os perigos da demissão. Os salários perderam para a inflação. O desemprego continua alto. E os capitalistas nos arrancam antigos direitos trabalhistas.

Agora, houve uma importante mudança na política burguesa. Lula está governando. Mas, não governa para os explorados. Lula não governa para os desempregados e subempregados. Não governa para a maioria que recebe um salário que mal dá para viver. Lula não governa para os pobres, miseráveis e famintos. Essa é a dura verdade.

Lula - como fez Temer e Bolsonaro - governa para a burguesia. Eis por que Lula não se colocou por revogar a reforma trabalhista e previdenciária. Não se colocou para acabar com a terceirização.

Apesar das diferenças com os governos de Temer e Bolsonaro, o governo de Lula tem em comum o fato de também governar para a burguesia. E qual é então a nossa conclusão?

1) Não confiar em nenhum governo burguês; 2) Confiar apenas em nossas próprias forças coletivas, em nossa capacidade de luta; 3) Exigir de nossos sindicatos que organizem um movimento em defesa de nosso programa de reivindicações; 4) Unificar a classe operária e os demais trabalhadores em defesa dos empregos, salários e direitos trabalhistas. Organizar a luta pela revogação das reformas trabalhista e previdenciária, e pelo fim da terceirização.

O Boletim Nossa Classe vem fazendo uma campanha para que as Centrais, os sindicatos e movimentos organizem um Dia Nacional de Luta, como ponto de partida para unificar a classe operária em defesa de um programa próprio de reivindicações. Chamamos os trabalhadores a apoiarem nossa campanha: Por um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios!

DIANTE DAS MEDIDAS PATRONAIS, RESPONDER COM AS REIVINDICAÇÕES QUE UNIFICAM OS TRABALHADORES

Muito se comentou sobre a queda da taxa de desemprego, até março. Mas isso ocorreu à custa do aumento da terceirização e da informalidade. Os empregos que foram criados se concentram no setor do comércio, onde o piso salarial é pouco acima do salário mínimo de fome. Na indústria, ao contrário, cresceu assustadoramente a terceirização, que também paga salários muito abaixo do que é pago ao trabalhador da empresa contratante. E as demissões são superiores às contratações. Chama a atenção, no entanto, a quantidade de montadoras que decretou férias coletivas e de empresas que pediram “recuperação judicial”. O que sinaliza que mais demissões estão por vir.

Diante dessa situação, qual é a tarefa das direções sindicais? Convocar as assembleias e organizar a luta unitária. Mas, não é o que se passa. As direções fazem discurso demagógico contra essa situação na frente dos trabalhadores, e por trás negociam com os patrões as demissões e a imposição da terceirização.

O Boletim Nossa Classe denuncia as manobras patronais e a colaboração das direções sindicais. Defende a unidade dos trabalhadores para lutar pela redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários. Para que haja emprego a todos, é preciso defender a divisão das horas nacionais de trabalho entre todos os trabalhadores, ou seja, impor aos patrões a escala móvel das horas de trabalho. ■

Sobre a eleição no Sindicato Metalúrgico do ABC É preciso acabar com a eleição indireta e restabelecer a eleição direta para eleger a direção do sindicato

Depois da eleição antidemocrática dos Comitês Sindicais de Empresa (CSEs), ocorrerá a eleição antidemocrática para a confirmação da chapa burocrática montada pela própria direção do sindicato. Os novos CSEs aprovaram a chapa apresentada pela direção, para a reeleição do presidente do sindicato Moisés Selerges.

O que a direção do sindicato chama de “segundo turno das eleições”, na realidade, não passa de um plebiscito, que referendará o continuísmo da mesma direção.

Desde o momento em que os burocratas mudaram o estatuto, se eliminou a eleição direta por chapas e se dificultou enormemente a organização de

uma oposição classista e independente diante do patronato. Para participar com candidatos nas eleições do CSE, é preciso fazer parte da turma da direção do sindicato e do consentimento dos donos da fábrica. Na Volks, um grupo opositor tentou montar uma chapa, mas viu que era praticamente impossível. Isso devido às exigências burocráticas, que somente podem ser cumpridas pela direção do sindicato, que conta com a conivência dos patrões. Assim, nos dias 25 e 26 de abril se concluirá a farsa da eleição no Sindicato Metalúrgico do ABC.

Por mais três anos, nós trabalhadores ficaremos submetidos à mesma política de conciliação de classes que há muito tempo impera no nosso sindicato. A política de colaboração de classes tem sido responsável por acordos de demissão massiva, de quebra de direitos, de implantação da terceirização e da redução salarial.

Construir as oposições sindicais classistas, essa é a nossa tarefa

Cada vez mais, os militantes que distribuem o Boletim Nossa Classe estão vendo o quanto está crescendo a desconfiança dos operários com os sindicatos. A grande maioria não vê que o problema não é o sindicato, mas sim a sua direção corrompida pelos patrões e que anula a capacidade de luta do sindicato. O sindicato é um organismo criado pelos próprios operários para enfrentar a superexploração dos capitalistas.

O que fazer? Abandonar nosso instrumento de luta, que é o sindicato? NÃO, companheiros!

Nossa tarefa é construir uma nova direção para os sindicatos. De que forma? Constituindo os grupos de oposição no interior das fábricas, sem que os patrões e a direção do sindicato possam barrar esse movimento de oposição. ***O Boletim Nossa Classe tem se esforçado nessa tarefa, que como sabemos, não é fácil, mas é o caminho para expulsar esses burocratas que se apossaram de nossos sindicatos.***

Organizar o 1º de Maio classista e de luta

Não ao 1º de Maio governnista!

Os trabalhadores desde já devem exigir das centrais, sindicatos e movimentos que convoquem um 1º de Maio independente do governo, unitário, classista e de luta. Que seja um 1º de Maio para erguer um programa de reivindicações de defesa dos empregos, salários e direitos. Que seja um 1º de Maio para exigir do governo Lula a revogação das reformas trabalhista, previdenciária e a terceirização.

O Boletim Nossa Classe inicia a campanha por um 1º de Maio que unifique os operários, camponeses e demais trabalhadores. Que seja um 1º de Maio que mobilize a juventude oprimida. O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores a exigirem dos sindicatos que convoquem as assembleias para preparar o 1º de Maio classista. ■

Essa política de colaboração de classes foi responsável pela ausência de luta e falta de união da classe operária contra o fechamento de fábricas, como ocorreu com a Ford, Toyota e outras. É devido a essa política que se tem eliminado a democracia sindical e substituído as assembleias a tal ponto que tudo é resolvido nas quatro paredes da sede do sindicato. Nós operários não temos sido os senhores de nosso próprio destino. E, por isso, temos pagado caro com os acordos de lay-off, PDVs e avanço da terceirização.

O Boletim Nossa Classe defende que os metalúrgicos rejeitem a eleição indireta e passem a exigir a eleição direta, democrática e livre de qualquer perseguição e violência política. Nos dias 25 e 26, o Boletim Nossa Classe chama os metalúrgicos a votarem NULO. E que o voto nulo seja um grito operário pelo fim das eleições indiretas e pela volta das eleições diretas. ■

Trabalhadores franceses mostram o caminho

Já são inúmeras as greves e as poderosas manifestações de rua dos trabalhadores franceses contra a reforma da previdência do governo Macron. Trata-se de uma reforma que aumenta a idade e o tempo de contribuição para conseguir a aposentadoria. O que impede que a maioria dos trabalhadores consiga esse direito.

No Brasil, Bolsonaro conseguiu aprovar uma violenta reforma da previdência sem que as direções sindicais se colocassem por organizar um forte movimento de resistência. Basta lembrar que as centrais sindicais cancelaram a Greve Geral de 19 de junho e apostaram na chamada “pressão aos deputados”. Resultado, o Congresso Nacional endossou a reforma da previdência bolsonarista.

O Boletim Nossa Classe apoia a luta dos trabalhadores franceses, porque esse é o caminho para enfrentar as contrarreformas dos governos. E chama os explorados brasileiros a tomar para si essa lição da greve e luta coletiva nas ruas. ■

A guerra na Ucrânia entra no seu segundo ano

O Boletim Nossa Classe tem feito uma campanha internacionalista pelo fim da guerra, que só serve aos interesses das potências. A decisão da ONU sobre a continuidade da guerra foi ditada pelos Estados Unidos e pelos seus aliados europeus. Eis por que foi rejeitada qualquer medida que viesse no sentido de negociação de um acordo de paz. A continuidade da guerra na Ucrânia está se transformando em uma grande conflagração mundial.

O Boletim Nossa Classe chama os operários a fortalecerem a bandeira de fim da guerra e por uma paz sem os ditames do imperialismo norte-americano e aliados e sem anexação. Somente a classe operária unida e em luta pode acabar com a guerra de dominação.

O Boletim Nossa Classe é elaborado e distribuído pelo Partido Operário Revolucionário (POR).
Só depende das contribuições da classe operária. Seu objetivo é organizar a luta dos explorados em
defesa das suas condições de existência, pelo fim do capitalismo e construção da sociedade socialista.

ACESSO O NOSSO
SITE E REDES SOCIAIS
ATRAVÉS DO QR CODE

